

## AS SIGNIFICAÇÕES DAS DANÇAS TRADICIONAIS DO POVO MUNDURUKU

OLIVEIRA, Gécica Fernanda<sup>1</sup>  
gessicaoliveira@hotmail.com

NASCIMENTO, Ronélia do<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta o resultado da pesquisa do trabalho de conclusão de curso, sendo uma pesquisa qualitativa numa abordagem etnográfica, foi realizada na aldeia Nova Munduruku do Povo Munduruku, localizada na Terra Apiaká-Kayabi no município de Juara-MT. O objetivo desta pesquisa era identificar como a dança tradicional do povo Munduruku se faz presente dentro da comunidade e fora dela, qual a importância da dança para essa comunidade e em quais momentos essas danças acontecem e como a dança tem contribuído para o resgate das tradições de suas próprias identidades. Os dados foram coletados em observações e entrevistas abertas, onde pudemos observar que o conhecimento sobre a dança vem sendo transmitido de geração para geração. Este texto demonstra a relação desse povo com a dança, onde a mesma se faz presente no dia a dia dessa comunidade. No primeiro momento é apresentada uma breve fala de que como ocorreu todo o caminho percorrido para a realização desta pesquisa, quem são o povo Munduruku e como ocorreu a formação da Aldeia. No segundo momento um breve histórico sobre a dança e a relação dos povos indígenas. Já no terceiro capítulo destacamos as danças tradicionais desse povo e suas significações, dança do não indígena, trajes pinturas e adereços que fazem parte das apresentações e da cultura do Povo Munduruku. Observamos que a dança se faz presente há muitos anos na vida dos membros da comunidade, que a dança é um meio de fortalecer a cultura desse povo através das apresentações do grupo de Dança Wuyjuyu. Enfim, o Povo Munduruku através da dança tem fortalecido suas raízes e, fazendo com que os jovens e crianças aprendam sobre aquilo que faz parte dos seus saberes.

**Palavras-Chave:** Cultura, Dança, Povo Munduruku.

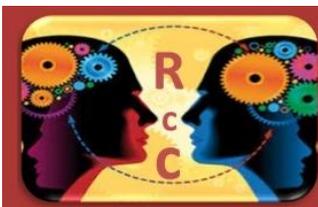
### Introdução

Neste texto trazemos os resultados da pesquisa realizada no curso de Pedagogia no Campus da UNEMAT de Juara-MT, realizamos a pesquisa na Aldeia Nova Munduruku, do povo Munduruku, localizada na Terra Indígena Apiaká-Kayabi.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Juara).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado d Mato Grosso (UNEMAT/Juara). Pós-graduada em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Juara). Mestrado em Educação pela Universidade do Estado de mato Grosso (UNEMAT/Cáceres). Professora interina na Universidade do Estado de mato Grosso (UNEMAT/Juara) atua na área de História da Educação do curso de Pedagogia.



Tivemos como objeto de pesquisa as danças tradicionais e seus significados, os nossos sujeitos da pesquisa foram anciãos, anciãs, jovens e adultos. Apoiamo-nos em Trivinus (1987) pois tratou-se de uma pesquisa participante, utilizando técnicas de observação e entrevistas, para que pudéssemos compreender as mensagens emitidas pelos sujeitos como também entender a dança e sua expressividade cultural, a linguagem corporal existente nos movimentos e sua valorização nas ações educativas no contexto sócio cultural. Sendo a dança um dos patrimônios culturais imateriais do povo Munduruku merecedora de valorização dentro e fora da comunidade.

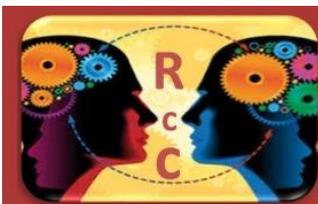
Entendemos que a dança é uma interação entre ser humano e o mundo, interligada nas ações humanas no estado físico, mental, espiritual e cultural, e assim, trazemos um breve histórico sobre o povo Munduruku, a relação dos povos indígena com a dança no Brasil, apresentamos as danças tradicionais do povo Munduruku e suas significações, seus adereços, vestimentas, pinturas e cânticos. Pois a dança para este povo é algo que buscam revitalizar por ser algo intimamente relacionado com valores coletivo, estes valores estão conectados a cultura de uma sociedade, representa suas crenças, suas maneiras de relacionar com a vida. Por se tratar de tradição, os mais velhos buscam incentivar as novas gerações, procurando preservar e passar seus conhecimentos de extremo valor cultural.

A revitalização da dança na aldeia Nova Munduruku se efetiva por meio da criação em 2009 do grupo de dança Wuyjugu, que vem divulgando este saber indígena dentro da aldeia e no município, como também no Estado de Mato Grosso.

## **As danças tradicionais e suas significações na aldeia Nova Munduruku**

Os Munduruku um povo indígena amazônico, que vivem na região do Vale dos Tapajós, Santarém, Itaituba e Jacareacanga no estado do Pará, também se encontram no estado do Amazonas e Mato Grosso. Segundo Parreira (2006), os Munduruku pertencem ao tronco linguístico tupi, família linguística Munduruku, o nome da etnia deriva da formiga saúva, definição dada pelo povo Parintintins, seus vizinhos no Alto Tapajós e rio Madeira.

Este povo travou diversas lutas para defender seu território de invasão garimpeira e agropastoril, por compreender seu território como lugar de celebrar a vida que vai além da subsistência, trata-se de lugar das manifestações humanas, sejam elas materiais ou imateriais.



Nessa dimensão de celebrar a vida, estabeleceram alianças com outros povos, dentre eles, os Apiaká. Casamentos foram realizados e desses casamentos vieram os primeiros Munduruku para a Terra Indígena Apiaká/Kayabi, posteriormente a vinda de um grupo maior de Munduruku para viver entre os Apiaká.

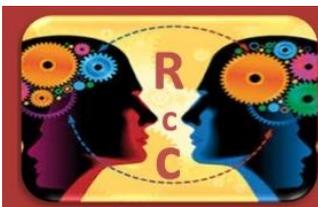
Nessa viagem do Pará para o Mato Grosso deu-se em 1982 somente para passear e em 1985 para morar, vieram sete famílias, descendo de barco o Rio Cururu, até o Rio Tapajós, chegaram ao Rio Juruena e posteriormente no Rio dos Peixes. Ficaram vivendo com os Apiaká durante três anos e em 1988 resolveram formar sua própria aldeia, vindo a se chamar Aldeia Nova Munduruku.

A aldeia Nova Munduruku fica a margem esquerda do Rio dos Peixes, a população vive da caça, da pesca, da roça, coleta de frutas silvestres e da extração da castanha do Brasil. Existem também os profissionais da saúde e da educação, os quais são assalariados, assim como os anciãos aposentados.

A aldeia Nova Munduruku conta com uma população de 145 pessoas de acordo com o senso da SESAI referente ao ano de 2014. Nesta Terra Indígena, vivem mais dois povos Indígenas, os Apiaká e os Kayabi, sua extensão de terra é de 111.000 hectares segundo Munduruku (2013, p.02), fazendo limites com fazendas. A aldeia Nova Munduruku localiza-se cerca de 67 km de distancia do Município de Juara-MT, a aldeia foi registrada na Fundação Nacional do Índio no dia 24 de junho de 1988. A população desta aldeia traz consigo várias saberes e costumes, das quais caracteriza a sua cultura em muitos momentos, pois a mesma busca formas de sempre revigorar os costumes do seu povo.

A dança é uma das formas de revigorar os costumes, pois, dança-se no mundo desde a pré-história, de acordo com Ribas (1959, p.26) existem testemunhos gráficos em cavernas da época glacial que revelam o ser humano primitivo dançando coletivamente, no Egito as danças tinham o caráter religioso para homenagear deuses, na Grécia Antiga foi incorporada na educação, cultos religiosos e no teatro.

Com o passar dos tempos a dança passou a ser inserida nas instituições escolares no início de 1900, atualmente a dança possui vários ritmos e passos distintos, com influencia das danças típicas, regionais e culturais, dentre estas danças, os povos indígenas tem suas danças tradicionais, que é uma das linguagens culturais. Faro (1986, p.130), diz que a dança não é apenas uma diversão e que não está presente somente no meio artístico, a dança é uma forma de conhecimento, é uma visão de mundo e se faz presente em diversas culturas, usada nas

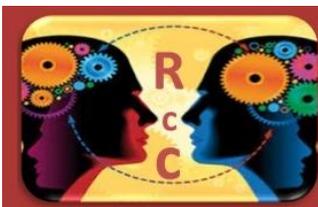


representações religiosas e nos procedimentos de celebrar a vida em inúmeras dimensões, sejam representações da saúde, guerras e sentimentos.

Os relatos sobre a dança indígena no Brasil são encontrados na Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, Cortesão (1943) traz que Caminha faz o relato das pessoas que encontraram, não conseguiram manter diálogo verbal por ambos não compreenderem-se. E no domingo de páscoa após uma missa celebrada pelo Frei Henrique, os indígenas que ali se encontravam começaram a dançar, em outros momentos viam grupos de indígenas dançando a beira do rio e durante algumas noites junto aos europeus que tocavam tamborim e gaita, não dançavam em pares, de mãos unidas.

Pero Vaz de Caminha não se atentou sobre o que motivava este povo a dançar, podemos analisar da seguinte forma, a primeira vez que os viram dançar, após a celebração da primeira missa, se observarmos, a missa existe gestos, e existe aí a possibilidade de que os indígenas entenderam ser um momento de adoração e por este motivo dançaram. E no segundo momento que foi a beira do rio, nenhuma hipótese suficiente para dizer o motivo que os levavam a dançar a beira do rio, podia ser um ritual, no terceiro momento também após uma missa e depois se juntavam aos europeus que tocavam tambores e gaita. Dançavam diferente da corte de portuguesa, não davam-se as mãos e nem união os corpos, mas que por intermédio da dança é que os indígenas se aproximaram mais dos europeus que ali chegaram, se analisarmos o momento narrado em que simpatizaram por Diogo Dias, e passaram a ficar mais onde os europeus estavam.

E nessa busca sobre a dança dos povos indígenas, leva-nos a compreender que trata-se de uma linguagem de gestualidade, manifestando seus sentimentos, inspirados na fauna, flora, rios e suas divindades. Suas vidas são compostas por muitos mistérios onde permanece o misticismo. Como de costume, nos seus rituais e crenças utilizam a dança e o canto, pois a mesma tem um papel fundamental na sua vida social para celebrar fatos sobre a vida, costumes, celebrar as plantações e as colheitas, pedir ou agradecer uma pescaria e uma caçada, marcadora de rituais de passagem, assim como a puberdade, casamentos, como também homenagear os mortos, obter cura de doenças. Na maioria das vezes grande parte dos rituais são compostos por danças, onde cada etnia indígena possui suas crenças e rituais religiosos diferenciados, mas todas acreditam na força da natureza e nos espíritos antepassados que ali habitam. Sempre fazem rituais e cerimônia para esses espíritos e deuses,



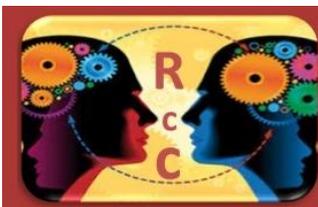
esses rituais regrados com comida, bebida, cânticos e artefatos, como também o movimento do corpo.

Além da dança fazer parte da linguagem ritualizada, é algo particular de cada povo, com significados particulares, e por este motivo, ela é cultural, no cenário brasileiro, não existe uma ampla divulgação das danças indígenas, porque não são compreendidas como artísticas. Portanto as danças indígenas são diferentes entre os grupos étnicos, as técnicas corporais, cânticos, também é uma manifestação identitária. É uma maneira de comunicação da identidade étnica manifestada através do corpo, nas técnicas, nas pinturas corporais, nos adereços e artefatos. É também um patrimônio cultural imaterial que perpassa as gerações, por este motivo recebe o nome de tradicional, e nessa linguagem viabilizada pela tradição entre as gerações vivem a coletividade de costumes entre as técnicas corporais, crenças, formação da pessoa de se reconhecer como pertencente ao seu grupo étnico.

Podemos dizer que a dança é uma forma de educar na sociedade indígena, é uma maneira de formação do sujeito social e cultural, nessa educação os mais velhos são os orientadores do processo de aprendizagem das novas gerações seja pela oralidade e por ações para que os mais novos entendam a ligação entre corpo e mundo, e o corpo desse modo é entendido como suporte da cultura, é o corpo que se movimenta, utiliza adereços, pinta-se, canta, é o corpo vivendo a cultura.

Compreendemos que a dança entre os povos indígenas existem bem antes da chegada de outra dança de outros povos no Brasil, porém pouco se sabe seus significados, a amplitude de suas realizações, quando e como elas são realizadas. É considerado tradicional as danças que perpetuam uma determinada cultura, alguns povos devido o contato com a cultura ocidental e principalmente por frentes religiosas, que forçaram não praticarem suas danças e práticas culturais, por serem vistas como algo negativo e inculcaram essa negatividade nestes povos. Esses contatos com frentes religiosas ocorridos no passado e não deixado de ser praticado no presente, e não aceitar que existe outra maneira de ser e estar no mundo.

É importante que saibamos respeitar o que pertence ao outro, o que Geertz afirma (2001, p.64) para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do eu. Para o autor nós somos e concebemos o mundo de acordo com a cultura que estamos inseridos, exterioriza-se as formas simbólicas do viver, e essa cultura constrói a identidade do sujeito como pertencente a esse modo de viver.



Alguns povos, assim como os Munduruku, quando se distanciam do seu grande grupo, deixaram de praticar suas danças, correndo também o risco de esquecimento, sendo necessário fazer o movimento de revitalização dessas danças, quando se considera importante para fortalecer sua cultura.

## **Danças tradicionais do povo Munduruku e seus significados**

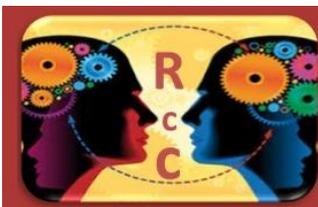
Iniciamos falando sobre o quanto o povo Munduruku gosta de dançar, durante a realização desta pesquisa na aldeia pudemos perceber que se trata de um povo que gosta de ouvir música, assim como dançar, desde as crianças aos anciãos. Dançam tanto suas danças tradicionais quanto a do não índio como forró, lambadão, xote, e vanerão. Suas danças tradicionais são embasadas nos animais e nas colheitas, pintam seus corpos com tinta extraída do jenipapo e urucum, como também usam adornos em seu corpo.

É possível perceber que os elementos que compõe da dança e o dançante envolve uma teia de significações, é o simbólico, o que realmente representa por este motivo essas danças são consideradas tradicionais, por fazer parte da cultura desse povo, tornando a dança um dos símbolos de construção no campo histórico, social e cultural, podendo existir ressignificações com o passar do tempo e do local. As danças, cânticos, instrumentos, adereços e pinturas corporais são sociocultural e o que Geertz (2001) chama de indicadores e símbolos, desempenham um papel na vida de uma sociedade<sup>1</sup>, nada esta inserido na cultura por acaso, tem um significado, uma representação.

Os anciãos e anciãs Munduruku tem em suas falas saudosismo sobre o tempo em que viviam no Pará onde tem um número maior de aldeias e de pessoas de seu povo. Dançavam ao som de flautas e tomavam uma bebida chamada caxiri<sup>3</sup> que é apreciada e consumida por este povo no Pará, nos dias de hoje tomam pouco. Em suas memórias os anciãos e anciãs dizem que existia muitas festividades na aldeia, participavam da organização das festas e das danças desde a infância. As danças eram ensinadas pelos mais velhos e toda a aldeia participava.

---

<sup>3</sup> Caxiri – É uma bebida de mandioca cozida e fermentada a partir da mistura de batata roxa ou amarela.



Um dos instrumentos importante para a dança é a taboca<sup>4</sup>, que não usam na aldeia Nova Munduruku, mas pretendem trazer do Pará para ensinar os mais jovens. Sabem dançar suas danças como também a dos não indígenas, reforçam o quanto as danças são importantes para a cultura de seu povo, por mais que a dança não indígena esteja presente entre eles há muitos anos, consideram que não podem esquecer suas próprias danças.

Podemos perceber que existe uma preocupação sobre as práticas culturais em específico das danças, pois elas fazem parte da estrutura cultural, porém diante das colocações dos anciãos e anciãs, afirmam que um dos agravantes na aldeia diante das praticas tradicionais, quando se reúnem tem sido o uso da internet, que muitas vezes é preciso desligar o *wifi* para que os jovens venham participar dos acontecimentos da aldeia. Até mesmo quando vão fazer ensaio de danças do grupo Wuyjuyu<sup>5</sup>, não é diferente, é preciso desligar a internet para que os componentes do grupo venham participar. Compreendemos que a utilização dos conhecimentos da sociedade não indígena, no caso a internet é relevante tê-la na aldeia, pois a escola necessita desta ferramenta. Porém usá-la sem perder sua identidade e conservação de suas raízes, valorizando aquilo que lhes pertence.

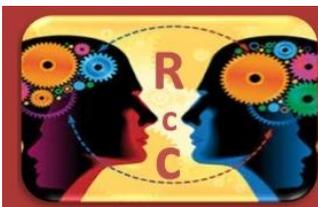
Um dos anciãos nos fala que a chegada da energia elétrica na aldeia, houve muitas mudanças nas práticas culturais. Podemos dizer que o contato com a energia elétrica proporcionou essa mudança nas vidas desse grupo de Munduruku, por mais que no estado do Pará este povo vivem na fronteira cultural, por não serem isolados da sociedade ocidental e demais povos étnicos, para estes que aqui se encontram, são um pequeno grupo diante da população Munduruku existente no Pará e Amazonas. Talvez estejam mais no campo da fronteira, conforme Canclini (1997, p. 348) menciona que hoje todas as culturas são de fronteiras, sejam pela arte que migra do campo para a cidade, muitas coisas de um povo são intercambiadas com outros e assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.

No que diz respeito ao conhecimento diante da fronteira que se encontra os Munduruku realmente passam a conhecer outros saberes, os anciãos e anciãs não consideram prejudicial conhecer os saberes dos não indígenas, deixam evidente em suas falas a importância dos conhecimentos dos elementos tradicionais para sua cultura, mesmo que sejam ressignificados, porém não devam cair no esquecimento.

---

<sup>4</sup> A taboca é um instrumento feito de taquara grande, que seu som é produzido através do sopro.

<sup>5</sup> Wuyjuyu – na língua materna dos Munduruku significa “gente”.



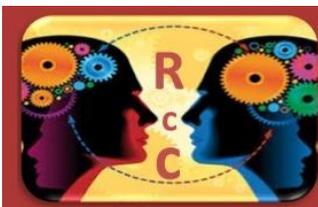
Consideram que a dança sempre foi muito presente na vida de seu povo e até mesmo dentro da aldeia onde moram, nos dias atuais procuram maneiras de incentivar as novas gerações, para que possam manter vivas as danças tradicionais. Mencionam que os rituais que usam dança, é o da cura, que dependendo do caso da doença o pajé chama uma menina para que ela possa benzer utilizando uma pena de rabo de mutum. Existem danças que somente pode acontecer a presença do pajé. Outro ritual que sempre acontecia na comunidade é dedicado a mãe da caça, como ressaltou Overing, (1999, s/p), que a vida ritual é muito valorizada pelos Munduruku desde tempos remotos, realizavam inúmeros rituais à mãe da caça, com grande banquete, ofereciam cabeças humanas para essa entidade, cantando e dançando por vários dias. Desse modo, expressavam valores máximos da cultura Munduruku e de uma filosofia de vida que é típica do mundo amazônico.

As anciãs nos fala que sobre alguns rituais de cura, é algo restrito que não podem estar nos revelando, mas falam sobre a dança da arara e do milho e fazem demonstração, explicando como são os passos das danças. Pudemos compreender que a dança pertencente de uma rede de significações ampla de símbolos.

Os adultos trouxeram em suas falas que as danças são acompanhadas por cânticos e sempre com entonação forte da voz masculina, enquanto a feminina é mais baixa. A maioria das danças seguram nas mãos um dos outros e em alguns momentos dão os braços para fazer o círculo. E algumas das danças tradicionais é praticada pelo grupo Wuyjuyu.

No início da formação do grupo Wuyjuyu foi necessário que os mais velhos e falantes da língua materna ajudassem, pois os jovens não sabiam falar e nem cantar os cânticos. Nesse grupo algumas as moças e rapazes participam. Pois há poucos jovens interessados. Nem todos os cânticos podem ser cantados por todos, os homens tem seus cânticos, as mulheres têm outros e as crianças outros. Mas que dentro da aldeia Nova Munduruku há essa mistura de cânticos entre ambos os sexos e idade. Já no Pará é mantido essa tradição da separação por sexo e idade nos cânticos, o que nos dá a entender que houve uma ressignificação.

O cotidiano da vida dos Munduruku tradicionalmente é envolvida em rituais e cerimônias, a dança só não acontece quando há o falecimento de algum membro da comunidade, nessa ocasião todos ficam em luto. Consideram a dança uma forma de não perder a cultura, uma forma de manter as novas gerações interligadas com suas raízes, pois, eles devem saber de onde vieram e quais são suas essências, podem aprender a língua materna e a história do seu povo.



Os jovens traz em suas falas que praticam no grupo dança Wuyjuyu, a dança do pajé, do jabuti, do Karusakaybu e a dança do corvo, macaco prego, da anta e da arara. Essas danças são ensinadas aos jovens para se apresentarem em eventos e dentro da própria aldeia. Consideram a formação do grupo relevante, por ter proporcionado mais união na aldeia, e por poderem divulgar sua cultura para outros povos. Frisam que os integrantes têm que ter a responsabilidade de trabalhar, ser integrante do grupo fica a critério de cada um, não são obrigados, mas quando passam a participar do grupo passam a ter responsabilidade em ensaiar, fazendo suas vestes e adereços para as apresentações.

Os adereços utilizados na dança são, o cocar<sup>6</sup>, paneiro<sup>7</sup>, cuia<sup>8</sup>, chocalho<sup>9</sup>, colares, cinto feito de sementes, tornozeleira e bracelete, as moças usam saias de palha e blusas feitas de semente, de pena de aves e coco, os rapazes usam arco e flecha, sas'i, tanga usada para cobrir o sexo. Revelam que a pintura que mais utilizam é a do jabuti, da formiga, nas pernas usam a pintura do buriti. Essas pinturas são feitas com tinta do jenipapo e urucum, frutos do mato, onde as moças pintam os rapazes e seu próprio corpo. Os jovens precisam coletar o jenipapo e o urucum. Depois de coletado o jenipapo é ralado para se extrair o sumo, sumo este queda origem as pinturas em seus corpos, para traços perfeitos utilizam um graveto.

Considerando que as pinturas são divididas por faixa etária, existem as pinturas para a infância, juventude e vida adulta de ambos os sexos. Existem várias pinturas, a do jabuti, pacu, jacundá, buriti e da formiga, cada uma tem seu significado, e que não faz parte de pintar o corpo por vaidade, existe uma significação e representação de animais e frutos.

A pintura corporal tem grande importância e seu significado é muito amplo, podendo ir da simples expressão de beleza e erotismo à indicação de preparação para guerra ou proteger o corpo de raios solares e picadas de insetos, a ornamentação corporal é como se fosse uma segunda pele do indivíduo: a social em substituição à biológica. O padrão da pintura e o local de sua localização no corpo revela o status de seu detentor na sociedade. A pintura indígena não é só uma forma de beleza, mas sim uma forma de expressar algo ou se

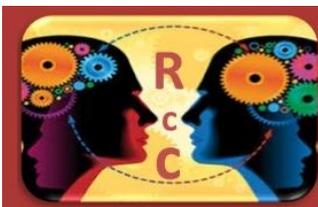
---

<sup>6</sup>Cocar - é um adorno feito de penas, símbolo de nobreza para os índios, ultrapassa limites do estético e imprime em suas penas e sementes a ordenação da aldeia, o significado da vida, a importância do ser. Sua forma em arco gira entre o presente e passado, e se projeta para o futuro.

<sup>7</sup>Paneiro - tecido de cipó, formando malhas fechado ou aberto. É apoiado na testa e serve para carregar alimentos ou crianças.

<sup>8</sup>Cuia - Casca do fruto da cuieira. Quando seca e sem miolo é usada como utensílio doméstico, servindo de farinha, de tigela para mingau; vasilhame para tomar tacacá.

<sup>9</sup>Chocalho - feito de cuia, sementes e madeira, um instrumento que produz sons.



proteger. Para os indígenas a pintura retrata a cultura de seu povo, pois por onde passam de alguma forma conseguem chamar a atenção por tamanha perfeição em seus traços.

Compreendemos que as pinturas corporais são manifestações culturais que estão presentes em várias culturas em nossa sociedade, os indígenas, por exemplo, utilizam para fazer apresentações de danças, para rituais como caça, pesca e casamentos, etc. é uma das maneiras que eles têm de se expressar e de mostrar a cultura deles.

O responsável pelo grupo de dança Marcelo Manhuari Munduruku relata que uma pintura que é bastante utilizada pela comunidade a do pacu, mais que no começo de 2013 descobriram que não é da cultura Munduruku, e isso foi dito pelo próprio cacique de uma das aldeias do Pará. Em pesquisas feitas pelo Marcelo, descobriu que são do povo Kadiwéu. Segundo ele com essas mudanças repentinas que aconteceram, podemos chamar isso de ressignificações dessas pinturas. Pois Marcelo mencionou que até no grupo há muita dificuldade dos jovens em saber o que significa cada uma delas, tem umas que são feitas na vertical e outras na horizontal. Após descobrir que a pintura não faz mais parte da sua cultura eles ainda utilizam, pois já foi inserida na cultura Munduruku. Fazem uso das pinturas dos peixes como a pintura do pacu, do cascudinho fig.(01).

As pinturas têm significados de acordo com a natureza e com o clã. O clã Borum utiliza as pinturas que as mães ensinam, e as mães ensinam as pinturas do clã deles. Há pinturas universais como a do Jacundá que são utilizadas só pelas mulheres e a da Formiga fig.(02) como também do Jabuti fig.(03) que só os homens usam, essas são pinturas tradicionais de festas, mas tem as pinturas de guerra que são totalmente diferentes dessas, não usam traçados geométricos se pintam todos tinta de jenipapo. Quando se pintam de preto significa que vão guerrear, vão atacar pra matar, mas quando se pintam de vermelho vão pra atacar, matar ou morrer, isso ocorre na cultura dos Munduruku.

Fig. (01) –Pintura do Peixe cascudinho (barriga)





Fonte: Arquivo da pesquisadora

Fig. (02) – Pintura da Formiga (barriga)  
Jabututi (braço)



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Fig. (03) – Pintura do



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A maioria de suas danças são em formato de ciranda, em exceção a dança do pajé, que trata-se de uma dança da cura, seu cântico narra a origem do povo Munduruku e a representação de KaruSakaybu<sup>10</sup> que é o seu criador. Algumas danças ainda estão sendo estudadas. Dentre elas a dança da guerra.

Os jovens afirmam que gostam de dançar as danças do não indígena, que aprenderam as danças tradicionais na infância por incentivo de Jones de Adenilson Manhuari Kixi, as danças do não indígena fazem parte dos bailes na aldeia, gostam de festividades e consideram seu povo festeiro. Considerando essa afirmação dos jovens sobre o gosto de seu povo por festividades e danças, Podemos observar um acontecimento dentro da comunidade, dançam a noite toda e vai até o dia amanhecer.

Para os jovens a participação no grupo de dança é relevante não apenas em suas vidas, mas para as novas gerações, pois sabem que precisarão ensinar os mais novos, para que não precisem futuramente fazer resgate do que foi esquecido e sim fortalecer o que se sabe. As

<sup>10</sup>Karusakaybu, para os Munduruku significa Deus. Ele tinha a capacidade de transformação, podendo transformar as paisagens dos campos em lugares em cachoeira dos se assim quisesse. Podia também se transformar em anta, em porco do mato ou outro animal ou transformar seres humanos em animais. Além de criar o mundo e todos os seres vivos, KaruSakaibu ensinou os Munduruku como fazer as roças, caçar e pescar.



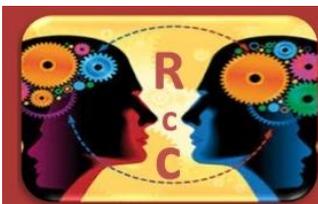
jovens explicam as danças tradicionais além de serem realizadas em festividades na aldeia, em reuniões interétnicas como em eventos do Seminário de Educação Escolar Indígena Região Noroeste, nas Olimpíadas Indígenas, em eventos da Universidade Estadual de Mato Grosso no campus de Juara, assim como o Seminário de Educação do Vale do Arinos em 2012 e em uma aula da professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira no ano de 2009, no I e II Kalunga que é um evento realizado pelo Movimento Negro do Instituto Ilê Axé em parceria com as escolas do município de Juara.

O grupo de dança Wuyjuyu foi formado em um evento que aconteceu na cidade, o Feirart realizado pela Secretaria de Cultura e Desporto através do Conselho Municipal de Cultura que aconteceu no Centro Cultural Savoine em Juara-MT. Contou com a colaboração de uma pesquisadora da UNEMAT do Campus de Juara em 2006 a 2008, com a primeira apresentação fora da aldeia em uma escola municipal de Novo Horizonte do Norte, contando com gravação em DVD. Posteriormente o Conselho Municipal de Cultura ao ver as imagens, convidou-os para apresentarem em um evento cultural na cidade de Juara.

O início do trabalho foi dialogar com os jovens e crianças a importância de revitalizar as danças tradicionais e posteriormente os ensaios, contando com o apoio de anciãos e de outros membros da aldeia. Os cânticos foram gravados e usados nos ensaios, não houve dificuldade em aprenderem por gostarem de cantar, a musicalidade está presente desde a ancestralidade. De acordo com Mello e Villa Nueva (2008, p.96), diz que a música sempre esteve presente na cultura Munduruku, mas que na verdade realizavam reuniões que reúnem várias etnias onde dançam para que haja a troca de conhecimentos entre os mesmos.

Na aldeia Nova Munduruku para manter a dança tradicional viva, foi árduo, atualmente estão formando grupo de dança somente das crianças. Consideram que as apresentações de danças indígenas de seu povo como de outros povos no Município, no Estado de Mato Grosso, vem a contribuir com a valorização da diversidade cultural.

O grupo segue o calendário da comunidade que é a semana cultural um evento que podemos acompanhar o fechamento, e fora da comunidade fazem parte de um movimento chamado de Literatura Nacional. Esse movimento é realizado pela ENBRAPI- Instituto de Propriedades Intelectuais Indígenas organizado por Daniel Munduruku um famoso escritor indígena. Fazem apresentações em outros municípios como Novo Horizonte, Cuiabá, Várzea Grande, e estão com um convite para se apresentarem em Juara-MT, mais nunca foram para outros Estados. Não cobram cachê para se apresentarem em entidades educacionais como



UNEMAT, escolas municipais. Mas para outras entidades precisam cobrar, pois essas apresentações têm gastos com alimentação, transporte e estadias dos mesmos.

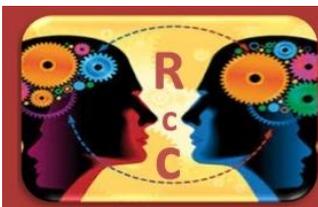
Recebem apoio da Secretaria de Saúde Indígena, Fundação Nacional do Índio, Secretaria de Turismo, EMBRAPI – Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual, NEARIN que é o Núcleo de escritores e Artistas Indígena, as escolas de Juara e das aldeias, o Instituto Munduruku e o Instituto UKA que é a Casa dos saberes Ancestrais localizada em São Paulo e coordenada por Daniel Munduruku.

Entendemos a dança como uma interação do ser humano com o mundo, pelo que nos parece, muitos dos povos indígenas que tiveram contato com outros povos não indígenas, em sua maioria aprenderam suas danças, mesmo assim tem as etnias com suas danças tradicionais, pelo que percebemos o povo Munduruku dançam as danças do não índio, mas existem as danças tradicionais que por ora percebi sua realização como apresentação cultural em eventos, ao que nos parece às mesmas não são praticadas no cotidiano só em momentos especiais e eventos. Mas percebemos o quanto é importante para esse povo as danças tradicionais, que foram através delas e do grupo de dança que se pode fazer o resgate da mesma e trazer para a comunidade saberes que os mais novos não conheciam.

Finalizamos dizendo que o resgate cultural envolve a dança, a mesma enriquece e fortalece os saberes tradicionais, podendo ser inserida em diversas situações no cotidiano da vida na aldeia, para que seja uma forma de aprendizagem, de práticas educativas culturais para as novas gerações.

## **Considerações Finais**

Por meio desta pesquisa podemos observar que cada povo tem sua cultura, seus costumes, suas crenças, religião e saberes que devem ser respeitados por todos. Neste trabalho abordamos a Dança como fortalecimento cultural do Povo Munduruku. Onde fizemos uma investigação sobre as danças tradicionais. Trazemos uma discussão sobre a dança como patrimônio cultural, merecedora de valorização e concluímos que o contato com o Povo Munduruku foi de suma importância, foi através dos conhecimentos e saberes desse povo que podemos concluir este trabalho. Esta pesquisa de alguma forma pode vir a contribuir com a



população que não tem conhecimento das danças tradicionais indígenas e perceber o quanto a dança é importante para os mesmos, como uma forma de fortalecimento da cultura.

Considerando que nos proporcionaram um conhecimento inigualável, sobre a dança, os saberes e costume de um povo que ao mesmo tempo estamos tão perto e ao mesmo tempo tão longe por não ter oportunidade de ter esse contato direto com os mesmos, e para conhecer é preciso estar aberto para o encontro com o outro.

Pudemos perceber que com todas essas mudanças, os indígenas buscam meios de resgatarem sua cultura. O povo Munduruku utiliza a dança pra fazer esse resgate da cultura. Enfim, esse trabalho foi muito importante para nosso conhecimento, visto que, culturalmente a dança esta presente em quase tudo que fazem, nas plantações, nas colheitas, nas guerras em tempos remotos, nos momentos de diversão, nos momentos de pajelança, enfim, está inserida nos saberes do povo Munduruku. A dança para esse povo não é só diversão é muito mais que isso, é um momento onde expressam seus conhecimentos, seus saberes suas crenças, demonstram um pouco das suas tristezas e alegrias, refletem sobre os seres cósmicos, enfim, é um momento onde os mais velhos repassam seus conhecimentos para os mais novos. Pudemos perceber nas conversas informais que a dança esta inserida na cultura Munduruku há muitos anos, que mesmo com a inclusão da cultura não indígena, buscam meios de fazer com que seus costumes estejam presente em suas vidas.

Todo este trabalho nos permitiu compreender e vivenciar momentos que foram de suma importância, foi ali, juntamente com o Povo Munduruku que nos deparamos com uma realidade da sociedade que não conhecíamos, realidade essa que muitas vezes ocorre despercebido aos nossos olhos por egoísmo e ignorância, mas que como futuros pedagogos/as precisamos desses conhecimentos para que possamos compartilhar com nossos alunos/as. Consideramos desafiante esta pesquisa, mas acreditamos em sua relevância no contexto acadêmico como também para o povo que é sujeito da pesquisa.



## Referências

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1943.

FARO, Antonio José. *Pequena história da dança*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

GEERTZ, Clifford. *O saber local - novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 2001.

MELO, Juliana; VILLA NUEVA, Rosa Elisa. *Levantamento etnoecológico Munduruku: Terra Indígena Munduruku*. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008.

MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. *Aldeia Nova Munduruku: Reavivamento das práticas culturais do povo Munduruku do Rio dos Peixes-MT*. Anais Vol. 9 (2014): Seminário de Educação do Vale do Arinos, Cáceres/MT, Brasil, 15-18 outubro 2013, *Campus* Universitário de Juara, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.

OVERING, Joana, *O elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em comunidade amazônica*. Mana, Rio de Janeiro, 1999.

PARREIRA, Walter Andrade. *Tawé, nação Munduruku, uma aventura na Amazônia*. Belo Horizonte. Decálogo. 2006;

RIBAS, Tomás. *Que é o ballet*. 3. ed. Lisboa: Coleção Arcádia, 1959. (Arte). FARO, Antonio José. *Pequena História da Dança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928- T759Í *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Augusto Nivaldo Silva Triviños. São Paulo: Atlas, 1987.